



MEMORIAL

Requisito para a solicitação de promoção a professor titular

**Kenneth Rochel de Camargo Jr.
Instituto de Medicina Social
Departamento de Planejamento e Administração em Saúde**

**Rio de Janeiro
2017**

1. TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL.

O interesse pela docência e pela pesquisa tem sido uma constante em minha carreira, praticamente desde o ingresso na Faculdade. Já no segundo ano de minha graduação em Medicina, participei como estagiário - à época a monitoria ainda não havia sido regulamentada na FCM - da disciplina de Histologia e Embriologia. No ano seguinte fui estagiário de Farmacologia e a partir do quarto ano fui estagiário da disciplina de Psicologia Médica. Essas experiências iniciais com a pesquisa científica e com a docência foram essenciais para o desenvolvimento posterior de minha carreira.

Fui aluno da disciplina de Psicologia Médica na Faculdade de Ciências Médicas em 1980. Dadas as dificuldades de incorporação de novos professores, alguns voluntários colaboravam no curso. Entre estes, o professor Francisco Barbosa Neto, ligado ao Ambulatório de Medicina Integral do HUPE (ainda HC-UERJ àquela altura). O AMI foi implantado em meados da década de '70 no HUPE como um projeto pioneiro de trazer a atenção primária para o ambiente do hospital universitário, pouco após a UERJ ter assinado o convênio MEC/MPAS, que modificou

profundamente o perfil dos hospitais universitários e de ensino neste país. Ao final do ano letivo, o prof. Francisco me convidou para ser monitor de Psicologia Médica e estagiário do AMI. Aceitei ambos os convites; em dezembro de 1980 já iniciava minha participação nas duas áreas, e em julho do ano seguinte já começara a atender pacientes clínicos no ambulatório.

Este encontro marcou minha trajetória intelectual e profissional de forma definitiva. Juntamente com uma permanente visão crítica dos processos de formulação do conhecimento dito "científico", esta dupla filiação determinou os passos seguintes de minha carreira. Ao final da graduação, no internato, optei por cursar um semestre na Clínica Médica e outro na Psiquiatria. Já havia então participado, através de minha vinculação com o AMI, de um projeto de pesquisa do Instituto de Medicina Social, outra unidade da UERJ, que mantinha laços bastante estreitos com o ambulatório do hospital, através do Mestrado e da Residência em Medicina Social. Ao ter uma presença mais intensa na área de Psiquiatria, pude perceber que não era aquele o caminho que mais me interessava; o que me atraía na Psicologia Médica, bem como na área de Saúde Coletiva, era justamente o seu caráter aberto, interdisciplinar. Fui então em busca do Mestrado em Medicina Social do IMS. Para poder cursar o mestrado, porém, tive que fazer a Residência primeiro, pois esta era pré-requisito para o mesmo. Ao final da Residência, surgindo uma vaga para a Psicologia Médica (que inicialmente seria para professor, mas posteriormente transformou-se numa vaga de médico do HUPE), fui contratado, lá permanecendo até 1995. Apesar do contrato como médico, segui desenvolvendo atividades de ensino (para a graduação de medicina) e pesquisa durante esse período.

Em função da minha vinculação como assessor de planejamento com a direção do HUPE no período 1988-1991, fiz o Curso de Formação de Analistas de Sistemas do IME/CEPUERJ/UERJ, concluído em 1988. Embora tenha feito este curso com o intuito de ter maiores subsídios para atividades de gerência, o conhecimento que adquiri sobre a área de informática têm sido extremamente útil como apoio para algumas atividades de pesquisa.

Cursei posteriormente o Mestrado em Medicina Social pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, com bolsa da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do MEC, concluído em setembro de 1990 com a apresentação da dissertação "(Ir)racionalidade médica: os paradoxos da clínica", aprovada pela banca examinadora com grau máximo. Este meu trabalho buscava analisar a relação entre o saber e a prática médica, procurando demarcar os limites da cientificidade neste saber.

Posteriormente, cursei o Doutorado em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, concluído em outubro de 1993 com a apresentação da tese "A construção da AIDS: racionalidade médica e estruturação das doenças", aprovada pela banca examinadora com grau máximo. Em minha tese de doutorado (publicada pela editora Relume-Dumará) propus um modelo para analisar a construção teórica das doenças pelo saber médico, aplicando este modelo, num estudo de caso, à criação da AIDS como categoria diagnóstica.

Em 1995 fui aprovado no concurso para professor adjunto do IMS, no Departamento de Planejamento e Administração em Saúde, com nota dez em todos os quesitos, segundo os três examinadores.

Em 2000/2001 realizei estágio pós-doutoral na McGill University, Canadá, no Department of Social Studies of Science, sob a supervisão do professor Allan Young.

Em 2002 fui convidado a participar, como editor-adjunto, da gestão da revista *Physis* pelo seu editor, André Rios, e no segundo semestre de 2004 assumi a editoria principal, que mantenho até o presente.

Desde a conclusão do doutorado tenho trabalhado em várias capacidades com a Abrasco, fazendo parte da comissão científica de diversos congressos. Em 2006 fui o presidente da comissão científica do 8º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva/11º Congresso Mundial de Saúde Pública, no Rio de Janeiro. Participei e coordenei a Comissão de Ciências Sociais e Humanas e fui um dos vice-presidentes na gestão de Luiz Augusto Fachini (2009-2012). Em 2013 fui o presidente do VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado também no Rio de Janeiro.

Desde janeiro de 2007 sou um dos Associate Editors do *American Journal of Public Health*.

Em 2012 fui promovido, em função das atividades desenvolvidas como professor adjunto desde 1995, a professor associado. Ao longo de todo esse período participei intensamente da vida acadêmica do IMS e da UERJ, tendo sido chefe de departamento, coordenador do programa de pós-graduação, membro do conselho consultivo da SR2 e, desde janeiro do ano passado, diretor do DEPEQ/SR2.

Participei de dois comitês de avaliação da pós-graduação na área de Saúde Coletiva da CAPES e fui membro do CA/Saúde Coletiva e Nutrição do CNPq, além de ter sido solicitado por diversas instituições, notadamente a Fiocruz, a participar de vários processos avaliativos.

Sou bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq desde o ano 2000, ininterruptamente, tendo atualmente o nível 1B. Tenho a bolsa Prociência da UERJ desde 1997, primeiro ano em que pude concorrer à mesma. Tenho também a bolsa Cientista do Nosso Estado desde 2012, tendo sido bolsista ainda de 2007-2010.

Particpei e coordenei diversos projetos de pesquisa, no Brasil e no exterior (financiamento ANRS e Canadian Institutes of Health Research). Mantive cooperação com a Mailman School of Public Health durante o período em que o professor Richard Parker desenvolveu suas atividades de ensino e pesquisa naquela instituição. Tenho colaborado com a professora Jean A. Shoveller, da University of British Columbia, desde 2007; há alguns anos sou membro do UBC Youth Sexual Team, grupo de pesquisa daquela instituição liderado pela referida professora.

Venho cooperando com a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS desde 1994, tendo me tornado Secretário Geral da mesma em 2010, função que ainda ocupo.

Em 2014 fui nomeado Presidente Honorário para a América Latina e Caribe da American Public Health Association.

Nestes anos de atividade docente, publiquei cerca de 150 artigos, 30 capítulos, 3 livros e organizei uma coletânea. Orientei 40 dissertações de Mestrado, 24 teses de Doutorado e concluí 8 supervisões de pós-doutorado. Particpei como palestrante e membro de mesa-redonda em vários congressos, no Brasil e no exterior, e desenvolvi softwares de uso corrente na pesquisa. Coordeno desde 2000 o grupo de pesquisa (CNPq) Grupo de Estudos Sociais em Tecnociência e Saúde (BIOMEDSCI).

É com base nessa trajetória que apresento minha candidatura a professor titular.

2. CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO.

Uma primeira contribuição teórica que me parece relevante foi a descrição de pressupostos implícitos na medicina em minha dissertação de mestrado, que denominei de **teoria das doenças**, descrita da seguinte forma: “as doenças são coisas, de existência concreta, fixa e imutável, de lugar para lugar e de pessoa para pessoa; as doenças se expressam por um conjunto de sinais e sintomas, que são manifestações de lesões, que devem ser buscadas por sua vez no âmago do organismo e corrigidas por algum tipo de intervenção concreta”.

Com o doutorado pude iniciar um aprofundamento na literatura crítica sobre ciência, inicialmente pela filosofia da ciência e depois estendendo ao campo dos estudos sociais da ciência. A leitura de Fleck e Kuhn, em particular, foi extremamente importante para o desenvolvimento do modelo teórico que chamei de “estrutura das doenças”, que caracterizaria uma definição de doença no saber biomédico, em termos de três eixos (semiológico, morfológico e explicativo), ao qual acrescentei mais tarde um quarto (epidemiológico), a partir da leitura de **Prescribing By Numbers**, de Jeremy Greene, que narra como a hipertensão

arterial foi a primeira doença a ser definida como uma variação de uma medição, no caso a pressão arterial.

O pós-doutorado me permitiu explorar mais ainda a perspectiva dos estudos sociais da ciência, que tenho procurado adaptar para o estudo da biomedicina, num primeiro momento caracterizando o que chamei de “epistemologia intuitiva dos clínicos”, mostrando que apesar de seu ceticismo com relação ao discurso da indústria farmacêutica, eles carecem de recursos adequados para criar um contradiscurso crítico próprio.

Ainda como consequência do pós-doutorado, o contato com Donald Bates me permitiu aprofundar a reflexão crítica sobre a própria ideia de “conhecimento” e sua complexa relação com a prática na medicina, que já havia caracterizado como algo contingente no trabalho empírico de minha dissertação de mestrado.

A crítica à influência de interesses econômicos na produção e difusão de conhecimentos médicos me levou a formular uma descrição da interação de várias instâncias envolvidas neste processo, o que denominei de “indústria do conhecimento”. A partir daí examinei com mais detalhes dois tipos de distorção, uma que afirma como “científico” aquilo que ainda não é (como no caso de várias estratégias da indústria farmacêutica), outra que procura minar a confiança em afirmações científicas perfeitamente razoáveis e embasadas (como na indústria do tabaco).

Essa discussão remete por um lado aos processos de medicalização; temos adotado o conceito proposto por Peter Conrad (que pude trazer como pesquisador visitante ao IMS), que retira seu conteúdo moral e se presta melhor ao exame empírico de tais processos. Procurei demonstrar como uma forma ainda mais avassaladora de medicalização (que Conrad independentemente chamou de “healthicization”, e que tenho proposto como imperialismo sanitário) se sobrepõe a propostas de “promoção da saúde”, estendendo seu alcance para além de “doentes” e ditando normas sobre todos aspectos do viver. Além disso, transforma a ideia de saúde em simples consumo de produtos e serviços disponíveis num mercado cada vez mais amplo.

O estudo do movimento anti-vacinas, como extensão da discussão anterior, me levou à obra de Collins e sua discussão sobre a sociologia da expertise, que me parece chave para o entendimento e o enfrentamento desse tipo de deslegitimação do conhecimento científico. O

papel dos experts interativos, tal como denominados por Collins (aqueles que são capazes de discutir com profundidade temas afeitos à prática dos experts mais duros, que ele chama de contributivos, sem que sejam contudo habilitados à prática como os últimos) , é uma das chaves para o enfrentamento desse problema, quando os próprios cientistas são alvo de desconfiança e têm dificuldades em comunicar-se efetivamente com a população em geral.

Meu trabalho corrente, em colaboração com a professora Elaine Rabello, também do DPAS/IMS, tem se voltado para os processos de difusão de conhecimentos “falsos” ou absurdos pela internet. A hipótese é que as novas tecnologias de comunicação estão provendo meios para a criação de coletivos de pensamento dedicados aos chamados “fatos alternativos” ampliando o alcance de sua difusão e tornando mais difícil enfrentá-los, quando representam riscos reais para a saúde e contribuem para a maior difusão do imperialismo sanitário.

Em outra vertente, tenho trabalhado na discussão do conceito de “necessidades de saúde”, com base no trabalho de filósofos que abordam o tema geral da ideia de necessidade em filosofia, como Agnes Heller e David Wiggins, como fulcro para compreender processos de medicalização.

3. INTERNACIONALIZAÇÃO.

Ao longo dos últimos anos, especialmente após o estágio pós-doutoral, tive a oportunidade de estabelecer parcerias de diversas ordens com pesquisadores relevantes em várias partes do mundo.

Fui convidado duas vezes, em 2003 e 2004, para seminários no Department of Social Studies of Medicine, na McGill University, respectivamente “Medicine and the Soul of Science” e “Genetics and Psychiatry”.

Tenho desenvolvido trabalho conjunto com o professor Richard Parker desde quando este ainda era docente do IMS, tendo se deslocado em 1997 para a University of Columbia, New York. Mantivemos nossa cooperação ao longo deste tempo, com minha participação em vários seminários promovidos pela Columbia em NY, e no período 2012-2014 trouxe o prof. Parker para três visitas ao Brasil como pesquisador visitante, com financiamento do extinto programa Ciência Sem Fronteiras.

Particpei de seminário da UNAIDS em Genebra, em 2001, sobre prevenção do HIV/aids, e de workshop sobre ativismo em HIV/aids em Durban, África do Sul, em 2004, nos dois casos representando a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

Apresentei conferência em 2006 no Center for Social Epidemiology and Population Health, Ann Harbor, Michigan, a convite do prof. George Kaplan. O prof. Kaplan também formulou convite para participar de seminário sobre Complex Systems no NIH, Bethesda, em 2014. Recentemente publicamos artigo em co-autoria no AJPH.

Trabalho em cooperação com a profa. Jean A. Shoveller, da University of British Columbia, Vancouver, Canada, desde 2007, tendo sido professor visitante de curta duração naquele ano, com a apresentação de conferências no Department of Health Care and Epidemiology da UBC e no British Columbia Centre for Excellence in HIV/AIDS, St. Paul's Hospital. Como parte dessa cooperação participei de diversos seminários no Canadá, em Vancouver e Montréal, ligados à pesquisa social sobre prevenção do HIV/aids, e trouxe a professora Shoveller ao Brasil como pesquisadora visitante com financiamento do CNPq em 2007. Há vários anos faço parte do grupo de trabalho "Youth Sexual Health", coordenado pela professora Shoveller, e há 3 anos desenvolvo pesquisa em associação com a mesma, com financiamento do Canadian Institute of Health Research, sobre aspectos éticos da testagem para o HIV.

Em 2011 fui convidado pela prof. Ewa Bogalska-Martin, da Université Pierre Mendés France, de Grenoble, França, para participar do seminário "Identités, Mémoires, Violences au Brésil".

O contato com o prof. Peter Conrad, da Boston University, resultou na sua vinda ao Brasil em 2011, como pesquisador visitante com financiamento pelo CNPq. Em o prof. Conrad me convidou a participar do Seminário US-UK Medical Sociology Conference, em Belfast, Irlanda do Norte, em 2012.

Desenvolvi pesquisas com financiamento da ANRS em dois projetos, o primeiro em 2005, tendo como parceiro francês Jean-Claude Thoenig, sobre o modelo do programa brasileiro de HIV/aids, e o segundo em 2009, sobre a circuncisão como proposta de ação preventiva no sul do continente africano, tendo como parceiro francês Alain Giami, do INSERM. Estes projetos redundaram em várias publicações e em convite para participação em seminário no laboratório

dirigido pelo prof. Giami em 2012. No mesmo ano trouxe o prof. Giami como pesquisador visitante, com financiamento do CNPq. Estamos programando um simpósio no congresso Internacional de História da Ciência que ocorrerá este ano no Rio.

Tenho participado de discussões com a profa. Sarha Gibbons, do University College of London, Reino Unido, que resultaram no convite para participação de seminário em Londres em novembro deste ano.

Orientei durante o estágio doutoral as alunas Aoife Ni Chionnaith (Antropologia, University of Edinburgh, Escócia, Reino Unido) e Laura Murray (Sociomedical Sciences, University of Columbia), sendo a última atualmente minha pós-doutoranda com bolsa CAPES.

Desde 2007 sou editor associado do American Journal of Public Health.

Desde 2016 faço parte do conselho editorial da revista Global Public Health.

Em 2014 fui nomeado Presidente Honorário para a América Latina e Caribe da American Public Health Association.

Em 2015 e 2016 participei como professor visitante (curta duração) do programa de pós-graduação em saúde coletiva da Universidad de Lanús, Argentina.

Participo no momento de dois grandes projetos com financiamento internacional, nos dois casos como responsável por braço qualitativo da pesquisa; da Zikalliance, coordenada no Brasil pela Fiocruz e envolvendo diversas instituições de pesquisa na França, e outro de avaliação da estratégia de saúde da família, com parceria com o Imperial College de Londres, Reino Unido e financiamento do Medical Research Council (MRC), do Reino Unido.

4. RELEVÂNCIA NO CAMPO.

Minha trajetória profissional me trouxe a possibilidade de ter atuação de destaque no campo da Saúde Coletiva em vários momentos.

Coordenei o programa de pós-graduação em saúde coletiva do IMS de 2003 a 2005, e posteriormente de 2007 a 2011. Desde 2016 dirijo o Departamento de Apoio à Produção Científica e Tecnológica (DEPESQ) da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR2) da UERJ.

De 2003 a 2007 fui sub-coordenador da Comissão de Ciências Sociais e Humanas da Abrasco, sendo coordenador de 2007 a 2009, e posteriormente vice-presidente da mesma associação de 2009 a 2012. Em 2006 fui o presidente da comissão científica do 8º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva/11º Congresso Mundial de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, e em 2013 fui o presidente do VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado também no Rio de Janeiro. Tenho sido convidado a participar de conferências e mesas redondas nos congressos da Abrasco quase que de forma ininterrupta desde a época em que terminei o doutorado.

Particpei do comitê de avaliação da área de saúde coletiva na CAPES nos triênios 2004-2006 e 2007-2009, e da comissão de avaliação de livros no triênio 2010-2012.

Fui membro do comitê assessor de saúde coletiva e nutrição do CNPq de 2010 a 2013. Sou bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq desde 2000, atualmente sendo nível 1B.

Sou editor da revista *Physis* desde 2005, editor associado do *American Journal of Public Health* desde 2010 e membro do corpo editorial de *Global Public Health* desde 2016.

Desde o presente ano integro o comitê editorial da Editora Fiocruz.

Em reconhecimento de minha atuação fui nomeado Presidente Honorário para a América Latina e Caribe da *American Public Health Association* em 2014.

Desde 2010 sou Secretário Geral da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (cargo não remunerado), uma das ONGs mais antigas e mais respeitadas no enfrentamento do HIV/aids em nosso país e internacionalmente.

5. PRODUÇÕES SELECIONADAS.

O artigo **[Ir]racionalidade médica: os paradoxos da clínica**. (Physis. Revista de Saúde Coletiva. , v.2, p.203 - 228, 1992) é um resumo da perspectiva teórica que desenvolvi na minha dissertação de mestrado, um importante ponto de partida para a produção posterior. Nele exponho o caráter implícito de conceitos-chave na medicina e apresento o que denominei de “teoria das doenças”.

O livro **As ciências da AIDS e a AIDS das ciências**. (Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1994) é a versão publicada de minha tese de doutorado. Nela desenvolvi um modelo teórico para a estrutura de categorias diagnósticas (doenças) em medicina, e o apliquei à construção da aids como diagnóstico médico.

O capítulo **Medicina, medicalização e produção simbólica** (In: Pitta AMR (org) Saúde & Comunicação: visibilidades e silêncios ed.São Paulo/Rio de Janeiro : HUCITEC/ABRASCO, 1995) é um ensaio sobre o conceito de medicalização e sua articulação com os meios de comunicação de massa.

O artigo **The Thought Style of Physicians: Strategies for Keeping Up with Medical Knowledge**. (Social Studies of Science. , v.32, p.827 - 855, 2002) é o resultado de uma pesquisa empírica, com base no referencial teórico de Ludwik Fleck, sobre a concepção sobre ciência de médicos/professores de medicina, que têm poela natureza de sua inserção no campo papel de liderança na formação de opiniões.

O livro **Biomedicina, saber & ciência: uma abordagem crítica**. (São Paulo : Hucitec, 2003) traz um balanço do trabalho que desenvolvi até então, com um mergulho mais aprofundado na discussão sobre o significado de “construção social” e suas implicações para uma análise do conhecimento médico.

O artigo **As armadilhas da "concepção positiva de saúde"**. (Physis. Revista de Saúde Coletiva. , v.17, p.63 - 75, 2007) traz uma crítica a uma perspectiva tradicional da saúde coletiva, a de que rompendo-se com a noção de doença e adotando-se uma “concepção positiva” de saúde (em contraposição à “concepção negativa”, como ausência de doença) se suerariam vários dos impasses observados no campo da atenção à saúde. Busquei nesse texto mostrar como, ao contrário, essa proposta corre o risco de autorizar uma medicalização avassaladora da vida cotidiana.

O capítulo **A razão inconstante: ciência, saber e legitimação social** (In: Diálogos em psicologia social ed. Porto Alegre : ABRAPSO-Evangraf, 2007, p. 17-34) é uma metadiscussão da teoria do conhecimento suposta na ciência biomédica. Foi apresentado originalmente como conferência de abertura do Congresso Brasileiro de Psicologia Social realizado no Rio de Janeiro.

O artigo **The epistemological aspects in the historical works of Don Bates**. (Bulletin Canadien d'Histoire de la Médecine. , v.26, p.107 - 128, 2009) foi um mergulho na obra desse autor, que conheci durante meu estágio pós-doutoral no Canadá e que me deu a honra de um convite para um seminário sobre seu trabalho final. O artigo traz uma discussão aprofundada do conceito de conhecimento e suas implicações para a medicina.

No artigo **Public health and the knowledge industry**. (Revista de Saúde Pública , v.43, p.1 - 6, 2009) procurei caracterizar o que tenho denominado de “Indústria de Conhecimento”, estendendo críticas tradicionais às indústrias farmacêutica e de equipamentos à indústria de publicação.

A coletânea **Por uma filosofia empírica da atenção à saúde: olhares sobre o campo biomédico**, que organizei com uma ex-aluna, Maria Inês Nogueira (Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2009, v.1. p.226), congrega capítulos meus e de diversos orientandos de mestrado e doutorado, inspirados em especial na praxiografia de Annemarie Mol, trazendo vários estudos empíricos que compartilham em algum grau um referencial teórico baseado nos estudos sociais da ciência.

O artigo **O rei está nú, mas segue impávido: os abusos da bibliometria na avaliação da Ciência**. (Saúde & Transformação Social / Health & Social Change. , v.1, p.3 - 8, 2010) foi um dos primeiros a discutir a questão da produção científica e sua avaliação de forma crítica.

O capítulo **Echoes from the past: the persisting shadow of classical determinism in contemporary health sciences** (In: Videira A. (ed.) Brazilian Studies in Philosophy and History of Science: An Account of Recent Works (Boston Studies in The Philosophy of Science, Vol. 290) 1 ed. Dordrecht : Springer, 2011) apresenta uma discussão sobre a persistência de ideias do determinismo clássico, do “demônio de Laplace”, nas ciências da saúde contemporâneas.

O artigo **How to identify science being bent: The tobacco industry’s fight to deny second-hand smoking health hazards as an example**. (Social Science & Medicine, v.75, p.1230 - 1235, 2012) discute como a lógica científica pode ser distorcida por interesses econômicos poderosos (no caso, a indústria do tabaco) e, após a apresentação de um exemplo concreto com base em documentos internos da indústria e literatura histórica sobre o enfrentamento com essa indústria, apresento uma proposta de como identificar tais ações na ausência de documentos incriminadores.

O artigo **Produção científica: avaliação da qualidade ou ficção contábil?** (Cadernos de Saúde Pública, v.29, p.1707 - 1711, 2013) foi motivo de um debate na revista Cadernos de Saúde Pública, e é um aprofundamento de críticas que já havia feito anteriormente, com base em diversos estudos empíricos da produção científica da saúde coletiva brasileira, aos processos avaliativos dessa produção.

O artigo **Public Health, Science, and Policy Debate: Being Right Is Not Enough**. (American Journal of Public Health, v.105, p.e1 - e4, 2014), que escrevi com Roy Grant, é uma discussão do movimento anti-vacinas e de estratégias para enfrentá-lo, a partir das contribuições de Collins sobre a sociologia da expertise.

Além desses textos acadêmicos, considero relevante o desenvolvimento de dois programas para uso em pesquisas, ambos livres e com código-fonte disponível.

Em colaboração com a professora Cláudia Medina Coeli, do IESC/UFRJ, **OpenRecLink** (<http://reclink.sourceforge.net>), que implementa a técnica de relacionamento probabilístico de registros, o que permite a associação de bases de dados sem chave comum. Esse programa tem sido utilizado por pesquisadores e técnicos da área de saúde, incluindo o Departamento Nacional de Aids e Hepatites Virais e a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro.

OpenLogos (<http://openlogos.sourceforge.net>), é um programa de apoio à análise de textos não-estruturados, em uso por diversos pesquisadores em todo o país.

6. FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS.

Ao longo da carreira orientei 40 dissertações de Mestrado, 24 teses de Doutorado e concluí 8 supervisões de pós-doutorado.

Meus ex-orientandos e ex-orientandas formam um painel diverso e rico de trajetórias profissionais. Destaco a seguir alguns entre eles, na impossibilidade de tecer comentários sobre cada um.

Severina Alice da Costa Uchôa já era professora da UFRN quando fez o doutorado comigo. É atualmente uma importante liderança naquela Universidade e no campo da Saúde Coletiva.

Maria Inês Nogueira, Carla Ribeiro Guedes e Vanessa Maia Rangel tornaram-se docentes do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense após terem feito doutorado comigo (as duas últimas também o mestrado e estágio pós-doutoral).

Mauro Fraga Paiva e Alfredo de Oliveira Neto são atualmente docentes da FCM, após terem sido meus orientandos de doutorado (e de mestrado, no caso do primeiro).

Elaine Teixeira Rabello, ex-orientanda de mestrado e doutorado, foi aprovada em concurso para professor adjunto no IMS, é atualmente colega de departamento e parceira em várias iniciativas relevantes.

Cesar Augusto Orazem Favoreto, ex-orientando de mestrado e doutorado, é professor da FCM, e liderança nacional na área de Saúde da Família.

André Luís de Oliveira Mendonça, que realizou estágio pós-doutoral sob minha supervisão, tornou-se também docente do IMS e atualmente parceiro em pesquisas e outras atividades.

Girlene Alves da Silva, que também realizou estágio pós-doutoral sob minha supervisão, é atualmente vice-reitora da UFJF.

7. PERSPECTIVAS.

A promoção a titular consolidará uma carreira dedicada à Universidade, À Saúde Coletiva, ao ensino e à pesquisa, reforçando ainda mais as atividades que já exerço e minha participação no campo da saúde coletiva. Além do reconhecimento de toda uma trajetória, é uma marca de distinção acadêmica que me credenciará ainda mais para a busca de novos financiamentos de pesquisa e novas parcerias, nacionais e internacionais, relevantes para a avaliação dos dois programas de pós-graduação a que estou vinculado na UERJ, o de Saúde Coletiva e o de Nutrição, além de colaborar de um modo geral para a avaliação institucional da própria UERJ, carente de professores titulares.